

UM

Vou tentar narrar os factos da nossa relação como marido e mulher tal como aconteceram, com a maior honestidade e franqueza que me é possível. Trata-se, talvez, de uma relação sem precedentes. O seu relato proporcionar-me-á um registo precioso de uma coisa que não quero esquecer nunca. Ao mesmo tempo, estou certo de que os meus leitores o acharão também instrutivo. À medida que o Japão se torna cada vez mais cosmopolita, japoneses e forasteiros vão-se misturando avidamente uns com os outros; são introduzidas novas doutrinas e filosofias de toda a espécie; e tanto os homens como as mulheres adoptam as modas ocidentais actuais. Sendo os tempos como são, o estilo de relacionamento conjugal que temos tido, e de que até agora nunca se ouviu falar, começará sem dúvida a surgir por todo o lado.

Olhando para trás, vejo que fomos um par estranho desde o início. Foi há cerca de sete anos que conheci a mulher que é agora minha esposa, embora não me recorde da data exacta. Nesse tempo ela era recepcionista num sítio chamado Café Diamante, perto da porta Kami-nari do templo Asakusa Kannon. Estava apenas no seu décimo quinto ano¹ e começara a trabalhar quando a conheci. Era uma principiante — uma aprendiz, uma recepcionista em botão, por assim dizer, e não ainda uma empregada competente.

Não compreendo porque eu, um homem de vinte e oito anos, pus os olhos numa criança como aquela, mas é possível que inicialmente tenha sido atraído pelo seu nome. Todos a tratavam por «Nao-chan.» Quando um dia perguntei como se chamava, soube que o seu verdadeiro nome era *Naomi*, escrito com três caracteres chineses. O nome estimulou a minha curiosidade. Um esplêndido nome, pensei; escrito

em alfabeto latino, podia ser um nome ocidental. Passei a dar-lhe uma atenção especial. Estranhamente, logo que a soube possuidora de um nome tão sofisticado, ela começou a adquirir um ar ocidental, inteligente. Comecei a pensar que seria uma pena deixá-la continuar como recepcionista num sítio daqueles.

Na verdade, Naomi parecia-se com a actriz de cinema Mary Pickford; havia de facto algo de ocidental na sua fisionomia. Não se trata apenas de uma opinião preconceituosa; muita gente diz isso, mesmo agora que ela é minha mulher. Deve ser verdade. E não é apenas o rosto; até o corpo tem uma aparência claramente ocidental, quando ela está nua. Só mais tarde pude observar isso, é claro. Nessa época, podia apenas imaginar a beleza do seu corpo pela maneira elegante como lhe assentava o quimono.

Não posso falar com nenhuma exactidão da sua disposição no tempo em que trabalhava no café; só os pais ou uma irmã podem compreender os sentimentos duma rapariga de quinze ou dezasseis anos. Se hoje lho perguntassem, a própria Naomi diria provavelmente que se limitava a fazer o que tinha a fazer, com indiferença. Para um estranho, porém, parecia ser uma menina sossegada e triste. O rosto tinha um ar doentio. Era pálido e mortiço como uma vidraça transparente e incolor; como mal começara a trabalhar, ainda não usava a mesma maquilhagem branca das outras recepcionistas, e não conhecia os clientes nem as colegas. Tinha tendência a esconder-se num canto enquanto fazia o seu trabalho em silêncio e com nervosismo. Podia também ser por isso que parecia inteligente.

Agora, devo fazer a minha própria apresentação. Nesse tempo eu era engenheiro numa firma de electrotécnica, e tinha um salário mensal de 150 ienes. Nasci em Utsunomiya, distrito de Tochigi. Depois de completar o ensino secundário vim para Tóquio, onde me matriculei na escola técnica superior, em Kuramae. Comecei a trabalhar como engenheiro logo após a licenciatura e todos os dias, excepto ao domingo, me deslocava da pensão onde morava, em Shibaguchi, para o escritório em Ōimachi.

Vivendo sozinho numa casa de hóspedes e ganhando 150 ienes por mês, tinha uma vida bastante fácil. Embora fosse o filho mais velho, não tinha nenhuma obrigação de enviar dinheiro aos meus pais ou irmãos. A minha família dedicava-se à agricultura em larga escala; como o meu pai já falecera, a minha idosa mãe e um casal de tios fiéis

tratavam de tudo por mim. Eu era completamente livre. Todavia, isso não significa que levasse uma vida desregrada. Era um empregado de escritório exemplar: sóbrio, sério, excessivamente formal, insípido até, fazia o meu trabalho todos os dias sem a mais pequena queixa ou desagrado. No escritório, «Kawai-Jōji» era conhecido como um «cavalheiro».

Para me distrair, ia ao cinema à noite, dava uma volta pelo Ginza², ou, uma vez por acaso, permitia-me uma ida ao Teatro Imperial. Foi o máximo que alguma vez fiz. Obviamente, sendo jovem e solteiro, não tinha nada contra a companhia de mulheres jovens. Como no íntimo continuava a ser um campónio, era desajeitado com as pessoas e não tinha amizades do sexo oposto, o que, sem dúvida, era o que fazia de mim um «cavalheiro». Mas era um cavalheiro apenas à superfície. Todas as manhãs, quando ia no eléctrico, e sempre que caminhava pela cidade, aproveitava em segredo todas as oportunidades para observar de perto as mulheres. De vez em quando, deparava com Naomi.

Mas eu não inferira que Naomi era a mulher mais bonita do mundo. A verdade é que havia muitas mulheres mais bonitas que ela entre as jovens por quem passava no eléctrico, nos corredores do Teatro Imperial e no Ginza. Se a aparência de Naomi viria a aperfeiçoar-se era algo que só o tempo diria; naquela altura tinha só quinze anos, e eu antecipava o seu futuro com expectativa e preocupação. O meu plano inicial, na época, era simplesmente tomar a menina a meu cargo e olhar por ela. Por um lado, era motivado pela pena que tinha dela. Por outro, queria imprimir uma certa mudança ao meu dia-a-dia insípido e monótono. Estava farto de viver há anos numa casa de hóspedes; ansiava por um pouco de colorido e de animação na minha vida. Com efeito, porque não construir uma casa, pensei, mesmo que fosse pequena? Decoraria os quartos, plantaria flores, penduraria uma gaiola com um passarinho na varanda soalheira, e contrataria uma rapariga para cozinhar e fazer as limpezas. E, se Naomi aceitasse vir, tomaria não só o lugar da rapariga como o do passarinho... Em linhas gerais, era isto que eu tinha em mente.

Nesse caso, porque não arranjava eu uma noiva que fosse de uma família respeitável e não montava casa de acordo com as regras? A resposta é que me faltava simplesmente coragem para me casar. Isto requer uma explicação pormenorizada. Eu era uma pessoa de bom sen-

so que não gostava de agir de modo precipitado — na verdade, era incapaz de o fazer; no entanto, tinha opiniões muito inovadoras e sofisticadas acerca do casamento. As pessoas têm tendência para ficar muito empertigadas e cerimoniosas quando alguém fala em «casamento». Primeiro, tem de haver um «leva-e-traz», que tenta saber, com rodeios, o que pensam as duas partes. Depois, combina-se um *miai* — um encontro formal das duas partes. Se nenhuma delas tiver nada a objectar, escolhe-se um intermediário oficial, trocam-se prendas de noivado, e o enxoval da noiva é levado para casa do noivo. Depois há o cortejo nupcial, a viagem de lua-de-mel e a visita da noiva aos pais, que faz parte do cerimonial — uma série de formalidades muito cansativa, que me desagradava por completo. Se me casar, pensava eu, gostaria de o fazer de maneira mais simples e menos convencional.

Naquela altura, se me tivesse querido casar, teria havido um número indefinido de candidatas. É verdade que eu era do campo, mas tinha uma constituição forte, conduta irrepreensível, e, se me é permitido dizê-lo, era pelo menos medianamente bem-parecido, além de ter o aval da minha empresa. Qualquer uma se teria sentido satisfeita por me amparar. Porém, o que é facto é que eu não queria ser «amparado». Mesmo que uma mulher seja uma grande beldade, um ou dois *miai* não são suficientes para que potenciais parceiros possam conhecer o temperamento e o carácter um do outro. A ideia de escolher a minha companheira para a vida com base numa impressão casual — «Bem, era capaz de viver com aquela», ou, «Não é nada feia» — é demasiado ridícula. Não era capaz de o fazer. A melhor solução seria levar uma rapariga como Naomi para minha casa e observar pacientemente o seu crescimento. Mais tarde, se gostasse do que visse, podia casar-me com ela. Isto seria o suficiente; eu não estava interessado em casar com a filha de um homem rico, nem com uma mulher do tipo fina e educada.

Além disso, fazer amizade com uma rapariguinha e observar o seu desenvolvimento dia-a-dia, enquanto levávamos uma vida alegre e divertida, parecia-me que teria um atractivo especial, muito diferente do que seria montar casa conforme as regras. Resumindo, eu e Naomi brincaríamos às casinhas, como crianças. Seria uma vida simples e descontraída, e não essa existência enfadonha associada à «manutenção de uma casa». Era esse o meu desejo. Uma «casa conforme as regras», no Japão moderno, exige que cada armário, braseira ou al-

mofada esteja no lugar que lhe é destinado; as tarefas do marido, da mulher e da criada são fastidiosamente distintas; é preciso satisfazer vizinhos e familiares difíceis de contentar. Nada disso é agradável nem benéfico para um jovem empregado de escritório, pois requer muito dinheiro e torna complicado e rígido aquilo que devia ser simples. Tendo em conta esses aspectos, considerei o meu plano uma espécie de inspiração.

Falei do meu plano a Naomi pela primeira vez quando a conhecia havia cerca de dois meses. Durante esse tempo tinha ido ao Café Diamante sempre que estava desocupado e excogitara todas as oportunidades que pudera para falar com ela. Naomi gostava muito de ver filmes, e nos dias de folga ia comigo a um cinema no parque. Depois, entrávamos em qualquer lado para petiscar comida ocidental ou talarim. Mesmo nessas ocasiões, era raro ela dizer uma palavra; normalmente, tinha um ar tão carrancudo que eu não conseguia perceber se estava contente ou aborrecida. Porém, nunca disse que não, todas as vezes que a convidei. «Está bem, claro», respondia docilmente e seguia-me fosse para onde fosse.

Não sabia que espécie de pessoa ela julgava que eu era, nem por que vinha comigo, mas supunha que ela era ainda uma criança que olhava os homens sem desconfiança, e que os seus sentimentos eram simples e inocentes. A minha convicção era que ela vinha comigo porque eu a levava aos espectáculos de que ela gostava e a convidava para jantar. Pela minha parte, eu era uma ama-seca, um tio amável e simpático; nunca me comportei de modo diferente, nem esperei mais nada dela senão aquele tipo de relação. Quando os recordo agora, aqueles dias fugazes, como de sonho, parecem um conto de fadas, e não posso deixar de desejar que pudéssemos ser de novo o par ingénuo que fomos em tempos.

«Consegues ver, Naomi?» Quando não havia lugares para nos sentarmos, ficávamos em pé ao fundo da sala de cinema.

«Não consigo ver nada», respondia ela, esticando-se para se pôr em bicos de pés e tentando ver por entre as cabeças das pessoas que estavam na frente.

«Assim, não consegues ver. Sobe para este corrimão e segura-te ao meu ombro.» Erguia-a e sentava-a num corrimão alto. Balançando as pernas e com uma mão no meu ombro, parecia satisfeita enquanto olhava atentamente para o filme.